

MEMÓRIAS  
DA  
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE  
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS  
DE LISBOA

LISBOA • 2023

# Elogio do Académico David Mourão-Ferreira

FERNANDO CRISTÓVÃO

São estas evocações académicas, simultaneamente de memória dos Académicos que nos precederam e do legado cultural que deixaram — verdadeiros testemunhos tanto de dignidade pessoal como de contributo enriquecidos para as instituições que serviram, especialmente esta Academia.

David Mourão-Ferreira honra brilhantemente, com grande dignidade e responsabilidade, o seu lugar entre nós, a cadeira n.º 3, que teve por antecessores Bulhão Pato, Júlio Dantas e Vitorino Nemésio.

É-me, por isso, muito grato honrar a sua memória, até porque com ele muito aprendi na Faculdade de Letras de Lisboa, primeiramente como seu aluno, e depois como colega, entre os anos 50 e 60, em que a Faculdade funcionava nas velhas instalações do Convento das Mercês, num espaço estreito e pequeno a que chamávamos a sala do “carro eléctrico” pelo seu formato, e onde Nemésio pontificava e David passava a linguagem comum em “aulas práticas”, assim designadas, as “aulas teóricas” dos altos voos de Mestre...

Magistério esse continuado depois nas atuais instalações da Cidade Universitária, a partir de 1958, em que seríamos ambos Assistentes de Nemésio.

David tinha, entretanto, interrompido as suas funções iniciais em 1963, por um daqueles chamados “delitos de opinião”, retomando-as em 1970, primeiro como professor auxiliar convidado, depois de 1975 como professor extraordinário e, a partir de 1990, como catedrático convidado. Tarefas estas que foram também intercaladas por outras atividades complementares de não menor importância, até de magistério: as tarefas de poeta, romancista, crítico literário, cronista, dramaturgo, jornalista... versatilidade intelectual sempre coerente a que também não faltaram por outros tipos de atividade: no ensino, na rádio, na televisão, no jornalismo — o que nos esclarece, desde já, da sua extraordinária capacidade intelectual. Também se lhes juntariam tarefas de serviço público, num *curriculum* de grande densidade, como excelentemente o historiou Teresa Martins Marques.

Embora o meu objetivo não seja aqui descrevê-lo completamente, contudo julgo indispensável evocá-lo sucintamente por revelar a valiosa obra e personalidade deste Académico que tanto continua a honrar-nos pela memória e consequências do seu saber. Magistério e legado transmitido por um homem cordial, cuja recordação se fixou na memória de quantos o conheceram, até pela imagem icónica inesquecível de um jovem mestre sorridente, sempre de cachimbo pendurado ao canto da boca, que a mão direita segurava, como se de uma só peça humana se tratasse.

Começou o seu magistério por ser exercido no ensino secundário, tanto no técnico como no liceal, no liceu Pedro Nunes, continuado depois como Assistente de Vitorino Nemésio na Faculdade de Letras. Em paralelo com o ensino, sucediam-se as publicações distribuídas por vários géneros.

Como poeta, Mourão-Ferreira afirmou-se a partir de 1950 em *A Secreta Viagem*, *Tempestade de Verão* e em mais de uma dezena de obras que as edições globais de 1980 e 1988 haveriam de revelar ou recapitular.

Como ficcionista, são bem conhecidas, *Gaivotas em Terra*, de 1959, *Os Amantes*, de 1968, *Um Amor Feliz*, de 1986, etc...

Quanto à crítica literária é ela de grande vastidão: *Vinte Poetas Contemporâneos*, de 1960, *Aspectos da Obra de Manuel Teixeira Gomes*, de 1961, *Motivos Literários*, de 1962, etc., etc...

Autor de inspiração múltipla, para além da docência, da poesia, do romance, do teatro, da crónica, também ambicionou contactos mais diretos com os seus interlocutores, pois não lhe foi alheia a comunicação através do jornalismo, da rádio, da televisão, até mesmo indirectamente através do canto, por exemplo, das canções, fados, que Amália Rodrigues cantou.

No jornalismo, dentre colaborações variadas, dirigiu o jornal *A Capital* nos anos 70, e com Vitorino Nemésio, *O Dia* — criatividade múltipla esta que sempre entendeu como expressão do seu decálogo pessoal de escritor “sempre em estado de sonho”, não explicando ou descrevendo, antes imprimindo “plenos poderes à imaginação”, escrita essa que tinha sempre no subconsciente uma motivação profunda.

Mas não se ficou por aqui, pois consciente das suas responsabilidades também públicas, não só aceitou responsabilidades várias, sobretudo nos periódicos citados, mas também como Diretor das Bibliotecas Itinerantes e

fixas da Gulbenkian, na tão prestigiada revista *Colóquio-Letras*, com Jacinto do Prado Coelho, tal como já se tinha responsabilizado pelas revistas *Távola Redonda*, *Graal* e, maximamente desempenhando, no início do 25 de Abril de 1974, o tão importante cargo oficial de Secretário de Estado da Cultura.

Não surpreende, pois que, a juntar ao aplauso dos críticos literários, também tenha sido grande o reconhecimento público das instituições que o louvaram com os mais variados galardões, como o fizeram a Associação Portuguesa dos Lusitanistas, e com a obtenção de prémios como o Nacional de Poesia, o da Associação dos Críticos Literários, o do Pen Club, o D. Dinis, etc...

\* \* \*

Seja-me, contudo, permitido que a este *cursus honorum* do reconhecimento público eu junte, em duas reflexões, o meu grande apreço pessoal a propósito de outros méritos no domínio da ciência e docência universitária na Faculdade de Letras e Ciências, de proveito coletivo, pois a esse outro mérito do David poucos se têm referido.

Consideração essa que reside especialmente na atualização vanguardista no domínio da História e Crítica Literárias então realizadas.

Servíamo-nos nesses anos de 50 e 60 da tradição retórica aristotélica demasiado tomada à letra quanto a estilos, figuras, tropos, etc..., aliada aos modelos da Estilística de Charles Bally, K. Vossler ou Dâmaso Alonso, em concorrência com as primeiras novidades da linguística geral de Saussure.

David, anos antes de outros o fazerem como se fossem os introdutores da novidade, ensinava-nos segundo os princípios da Teoria da Literatura de que ouvíamos falar pela primeira vez, servindo-se e recomendando a obra de René Wellek e A. Warren, obra essa que passámos a utilizar nas edições espanholas da Gredos, em disciplina que mais tarde, na renovação curricular pós-25 de Abril, passou a fazer parte do currículo de Letras como disciplina obrigatória.

Até então a análise literária que nos ensinavam a praticar nesses anos 60 em que fui aluno de Mourão-Ferreira era fundamentalmente baseada nas teorias e figuras da velha retórica clássica atrás referida, embora preocupados

já com alguma análise funcional estética da linguagem, ocupando-nos demasiado com a “biografia da obra e do autor” (perspectiva esta predominantemente empírica e não funcional) e pouco condizente com a sua envolvência textual.

Com Mourão-Ferreira, forte mudança crítica se operou, valorizando-se o texto como um todo orgânico de vetores diferenciados e já utilizando algumas teorias de Saussure e da Nova Crítica, num momento em que começava a triunfar o Estruturalismo, corrente esta que na Faculdade foi primeiramente dada como novidade pelo mesmo Mourão-Ferreira, novidade essa que outros, anos mais tarde, divulgaram como se fossem seus pioneiros.

Deste modo, e com esta abertura de horizontes, ficámos prevenidos e algo preparados para enfrentar e usar criticamente os aspetos positivos dessa torrente avassaladora, porém, esterilizante que foi o Estruturalismo de Barthes, o “mitólogo”, de Todorov, o “descodificador do *recit*”, palavra que não era *chic* traduzir, ou da *écriture*, que também não se traduzia, prestando-se, por vezes, a muitas confusões nas misturas de semiologia com a psicanálise de Kristeva, e de outros. Procedimento bem condimentado com outras práticas da narratologia francesa assente nessa onda dos “idolatribus” do momento. Situação esta a que já se juntavam as teorias do desconstrucionismo de Derrida e Le Man, diametralmente opostas ao *Logos* de Platão. Temas e práticas que, justamente, as classificou Maria de Lourdes Belchior como de um antihumanismo, impedindo a compreensão e o estatuto de funcionalidade do autor e, sobretudo, dos valores. Em contraponto, especialmente, Vitorino Nemésio, guiado pela metafísica de Kant ou Heidegger, anatemizava-as como inimigas do sentido.

A relativizar estas correntes “desviantes”, já Mourão-Ferreira, em 1969, na obra *Tópicos de Crítica e História Literária*, reeditada mais tarde em 1992, rompia tal cerco, pois definia a crítica e análise literárias escrevendo: “A crítica, ao pretender interpretar e julgar a literatura, terá segundo penso, de atentar aos seguintes requisitos: 1.º: assegurar-se do concurso da teoria e história literárias, 2.º: assimilar numa perspectiva histórica, os problemas e as técnicas que lhe são inerentes; 3.º: recorrer, como já em 1948 Stanley Edgar Hyman, ao ‘uso organizado de técnicas e de conhecimento não literários para obter o íntimo discernimento da própria literatura’ — a fim de conseguir,

consoante a expressão do mesmo autor ‘a integração ideal de todos os modernos métodos críticos dentro de um supermétodo’”.

Em conformidade, cada vez mais assim nos afastámos dos malabarismos estruturalistas ou desconstrucionistas então em moda, e nos aproximávamos do que Charles du Bos entendia por “presenças reais”, na versão de Steiner, e que David inspirado nas ideias de Richards, podia sintetizar, em *Tópicos Recuperados*:

Quantos elementos, de simples referência, não existem com efeito na linguagem mais carregada de emotividade? E quanta emotividade se não insere, sub-reptícia, na linguagem mais aparentemente referencial? (...) Venha depois — mas só depois de assim se ter sentido —, o propósito de distinguir e de classificar. (...) O primeiro passo terá de ser este: descobrir no reino das palavras a misteriosa beleza das que são tocadas pelo espírito.

Ideias estas que reforçava com a opinião de bons autores, lamentando: “De todas, é a crítica francesa (em contraste com o que se passa com a sua filosofia tão aberta a todos os ventos do quadrante europeu), que mantém posição mais isolada e menos inovadora”.

Uma segunda reflexão me ocorre, relativa ao que apelidamos de “substrato mental”: o fundo humano de suporte à obra de Mourão Ferreira.

Substrato que se me insinuou na observação de uma cordialidade que ocultava muita agitação interior. Contraponto que, subtilmente, se ia revelando ao leitor, mas se se tornava claro, nas diversas ocasiões em que, geralmente por iniciativa alheia, falava sobre si mesmo.

Assim aconteceu quando o Prof. Martins Garcia lhe perguntou “para quem escreve?”, registando depois a resposta no seu livro *David Mourão-Ferreira, a Obra e o Homem*, de 1980, e obtendo a seguinte a resposta:

– Para quem escrevo?

– Para todos aqueles que não se demitem de viver, nem se limitam a viver: os inquietos, os insatisfeitos, os inconformistas. Para todos aqueles que não renunciam à imaginação. Para todos aqueles que resistem, de qualquer modo, às forças inumanas (e tão bem conceituadas em todo o mundo que pretendem aliená-los.)

Tomada de posição esta reforçada mais tarde, em *Jogo de Espelhos*, de 1993, que tem por subtítulo “Reflexos para um auto-retrato”: “O poeta nunca aprende; nem ensina. Limita-se a aprender; e a ficar apreensivo; ou a superar a apreensão”; e, mais adiante: “continua a reconhecer-se em todos os livros que escreveu. Mais: a sentir-se, misteriosamente coetâneo de cada um deles. Mas certos cargos a que outrora se emprestou parecem-lhe hoje sepultos em caves escuras de museu, de província”. E mais adiante, como numa conclusão final: “[o poeta] Escreve com a esperança de que melhor o conheçam por dentro; nunca para ser conhecido por fora”.

Pois é exatamente isso que da sua obra muitos de nós, seus leitores, alunos, ou colegas, tentamos: conhecê-lo por dentro.

Tarefa difícil essa de conhecer as motivações profundas das suas palavras de ficção ou poesia, mas não impossível na identificação de alguns vetores que se manifestam indirectamente, aqui e ali, e que podem iluminar um entendimento mais profundo.

Quanto ao seu compromisso com a sociedade, são explícitas as motivações, já assim não acontecendo com a raiz do que lhe serve de suporte: a razão de viver e de morrer!

Não é, porém, impossível encontrar alguns dos seus fundamentos; mas é necessário procurá-los porque, como as raízes das árvores que lhes garantem a vida, estão ocultas na terra.

Indícios dessa força oculta que fundamenta e justifica, mas não escondidos encontrá-los sobretudo no 2.º volume da sua *Obra Poética*, de 1980, não propriamente no “Testamento” que a encerra, mas menos oculta nos 20 poemas do “Cancioneiro de Natal”, dum Natal aparentemente exterior, mas que não nega as suas raízes.

Terminando assim a evocação e homenagem que aqui estou a prestar, tomo o seu poema “Coro de Natal”, como recapitulação geral de quanto sentiu e viveu, referindo-se ao nascimento de Jesus, ainda que raramente o mencione pelo nome:

Quem nos garante que estamos vivos

.....

Ou não seremos somente o lixo

.....  
Quem nos garante se neste espaço  
Que nos separa só o sigilo  
Preenche as pausas a grande pausa  
De recearmos que tu existas.

.....  
Quem nos garante que estamos vivos  
Se atravessando ruas e rios  
Portas e portos, pontes e praças  
Só depararmos com os esgares  
Que já tiveram as nossas faces  
À mesma hora nos mesmos sítios  
Quem nos garante que sob as lajes  
De outras cidades, de outros jazigos,  
Neste momento ressuscitados  
Não afirmamos que TU existes<sup>1</sup>.  
(1973)

(ELOGIO HISTÓRICO APRESENTADO À CLASSE DE LETRAS  
NA SESSÃO DE 19 DE FEVEREIRO DE 2015)

---

<sup>1</sup> David Mourão-Ferreira, *Obra Poética*, vol. II, Lisboa, Bertrand, 1980, pp. 90-91.